

O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio

CAROLINA LUCENA ROSA*

1. A “descoberta” do Patrimônio Industrial

A construção do conceito de patrimônio industrial operou-se por meio da resignificação e reapropriação dos vestígios da produção industrial de modo que estes, antes vistos como traços pouco importantes de atividades econômicas, passaram a ser dotados de valor de “patrimônio”. A mudança do olhar sobre os vestígios industriais emergiu a partir do confronto com o seu desaparecimento na Europa na segunda metade do século XX. A devastação da Segunda Guerra Mundial e o fenômeno da desindustrialização provocavam, por um lado, a obliteração e, por outro, a valorização das marcas da industrialização européia.

A salvaguarda do patrimônio industrial entende que a ruptura provocada pela desindustrialização e pelas novas dinâmicas da indústria a partir da segunda metade do século XX significa a perda de memórias e de “substâncias” culturais. (BERGERON e DOREL-FERRE: 1996, 4) Portanto, a defesa do patrimônio industrial é guiada pelo reconhecimento que os testemunhos tangíveis e intangíveis da atividade industrial – fábricas, centrais elétricas, ferrovias, gestos e gestos técnicos, tradições e saberes populares, etc. – são lugares de memória e que eles carregam um valor identitário para diversas comunidades.

Inicialmente, o movimento em prol da salvaguarda do patrimônio industrial consolidou-se no Reino Unido, a partir da convergência entre interesses acadêmicos e institucionalizados e uma onda de entusiasmo popular pela história industrial local reunidos em torno da “Arqueologia Industrial”. (PALMER e NEAVERSON: 1998; BUCHANAN: 2000; FALCONER: 2006; HUDSON: 1965; KÜHL: 2008). O relevo e a primazia do Reino Unido podem ser explicados pelo seu papel preponderante no desenvolvimento industrial e pela importância dada à indústria do processo de formação do país.

Nos anos 1950, os trabalhos do professor Michael Rix, em particular seu artigo *Industrial Archaeology* publicado na revista *Amateur Historian* (RIX: 1955), ajudou a aumentar a importância dada a arqueologia industrial em meios institucionais. Logo, em 1959, o *Council for British Archaeology* (CBA), organismo não-governamental, organizaria a primeira conferência nacional de Arqueologia Industrial, estimulando a realização de um inventário governamental dos monumentos industriais britânicos a fim de identificar e avaliar sítios a serem protegidos.

Ao mesmo tempo, o apoio popular à conservação do patrimônio industrial se intensificou com as manifestações públicas em 1961 contra a demolição do Arco Euston – um importante monumento do período inicial do desenvolvimento do transporte ferroviário em Londres; este evento tornar-se-ia o símbolo da luta pela conservação dos monumentos industriais.

O movimento da Arqueologia Industrial rapidamente expandiu para além das fronteiras britânicas. Em 1973 o Primeiro Congresso Internacional para a Conservação dos Monumentos Industriais (FICCIM), realizado no recém-aberto museu de Ironbridge Gorge, recebeu representantes de países diversos como Canadá, Alemanha Oriental e Ocidental, Irlanda, Holanda, Suécia e Estados Unidos. Nesta fase inicial, alguns autores foram pioneiros em seus países; cabe destacar as contribuições de Robert M. Vogel¹, nos Estados Unidos; Marie Nisser na Suécia; Massimo Negri² na Itália; Sir Neil Cossons and R. A. Buchanan no Reino Unido; e Maurice Daumas³ na França.

Como resultado do crescente interesse global pelos vestígios do passado industrial, as edições seguintes da Conferência Internacional sobre a Conservação dos Monumentos Industriais foram realizadas em Brochum (Alemanha, 1975) e Estocolmo (Suécia, 1978). A IV Conferência, realizada em Lyon e Grenoble (França, 1981), viu a formalização do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), que, segundo Buchanan, representou a conquista da maturidade internacional do patrimônio industrial. (BUCHANAN: 2000, 29) No Brasil, como veremos mais

¹ Um dos fundadores da *Society for Industrial Archeology*.

² Massimo Negri publicou junto com Antonello Negri *L'archeologia industriale* em 1978. (Negri, Antonello e Negri, Massimo. *L'archeologia industriale*. Firenze : D'Anna, 1978)

³ Daumas foi responsável pelo lançamento da revista *L'Archeologie Industrielle en France* em 1976.

adiante, o surgimento do movimento de salvaguarda do patrimônio industrial foi mais tardio.

Destarte, o conceito de patrimônio industrial foi consolidado gradualmente a partir do reconhecimento dos seus múltiplos valores, entre os quais o valor histórico ou de “testemunho” histórico, representando um momento específico da evolução das atividades humanas; o valor social, documentando a experiência do trabalho industrial; o valor tecnológico, registrando as transformações técnicas e tecnológicas dos processos industriais; o valor científico, servindo como fonte para os estudos científicos em campos diversos, tais como a História social e econômica e a Sociologia; e por fim, o valor arquitetônico, refletindo em seus projetos (forma e aparência) a função específica a qual deveria realizar e também muitas vezes apresentando grande qualidade arquitetônica.

2. A constituição do campo de saber

Como ressaltam Palmer e Neaverson, a diversidade de interesses focados no estudo dos vestígios da atividade industrial resultou em um contínuo debate epistemológico no campo do patrimônio industrial (PALMER e NEAVERSON: 1998, 1), em particular sobre seu objeto de estudo e a perspectiva dual entre as finalidades de preservação e de construção de um campo de pesquisa.

“Arqueologia Industrial”, termo popularizado pelo supracitado artigo de Rix, engendrou um debate centrado na própria denominação “Arqueologia” Industrial e suas implicações epistemológicas. Segundo Buchanan, a Arqueologia Industrial era “arqueológica” porque “it is concerned with using physical evidence to interpret and reconstruct past human societies.” (BUCHANAN: 1989, 7) Arqueologia Industrial seria, então, uma metodologia adequada ao estudo dos restos físicos das atividades econômica e social do passado industrial; ela se distinguiria das discussões sobre a História econômica ou tecnológica da indústria por centrar-se no estudo dos vestígios físicos, os chamados “monumentos industriais”. A definição elaborada por Buchanan em 1972, ainda largamente aceita⁴, propõe que a “Arqueologia Industrial”:

⁴ Esta definição, com adaptações menores, é repetida nos textos de Falconer (2006), Hudson (1965, 261), Minchinton (1983, 125) and Kühl (2008, 39).

is a field of study concerned with investigating, surveying, recording and, in some cases, with preserving industrial monuments. It aims, moreover, at assessing the significance of these monuments in the context of social and technological history. For the purposes of this definition, an 'industrial monument' is any relic of an obsolete phase of an industry or transport system, ranging from a Neolithic flint mine to a newly obsolete aircraft or electronic computer. (BUCHANAN: 1972, 20-21)

A denominação “Arqueologia” Industrial teve profundas implicações epistemológicas, implicando na ênfase do estudo os vestígios físicos e em um approach centrado nos processos produtivos, na tecnologia e nas estruturas de indústrias individuais. Esta visão tecnocêntrica foi predominante até os anos 1990 e resultou em trabalhos majoritariamente de natureza descritiva, em uma falta de síntese sobre o fenômeno da industrialização e, segundo Michael Nevell (2006), não respondeu às perguntas cruciais de por que e como a industrialização ocorreu.

Outra consequência desse approach foi que

Industrial Archaeology has tended to neglect one of the primary tenets of traditional archeology, which takes a society and its people as its proper object of study; industrial archaeology has developed procedures for the investigation and analysis of technical monuments and machinery, but has had little to say about the organization and experience of working life. (ALFREY e PUTNAM: 1992, 7)

Hudson criticou tal compreensão estreita de “arqueologia”, que tomava a disciplina como sinônimo de escavações e que enfraquecia a validade da metodológica da Arqueologia Industrial; ele propôs, visando a superar a resistência em relação ao seu uso, a definição de Crawford que “archaeology is merely the past tense of anthropology” e, portanto, se interessa às fases passadas da cultura humana. (HUDSON: 1976, 17) Em 1976, Hudson afirmara que no futuro seria “more difficult, if not actually disreputable and reactionary, to define Industrial Archeology in terms of objects and technical processes” (HUDSON: 1976, 2); porém, mais de vinte anos depois, Palmer e Neaverson (1998) indicavam que a maior parte do trabalho realizado em Arqueologia Industrial ainda focava no desenvolvimento de tecnologias e não em parâmetros sociais e culturais.

Contudo, progressivamente, a análise dos monumentos industriais e do ambiente social e urbano dos sítios industriais estimulou um movimento reflexivo, trazendo questionamentos sobre os paradigmas da Arqueologia Industrial. Nem todos os processos industriais são visíveis nos vestígios físicos e, portanto, uma metodologia que trata exclusivamente com um *corpus* de monumentos industriais identificados e investigados através de prospecções e escavações não pode responder a todas as questões relacionadas à produção industrial. Notadamente, um approach centrado nos aspectos materiais da produção falha na discussão e apreensão de diversos aspectos da dimensão social do passado industrial e, ainda, da totalidade do processo industrial, isto é, produção, distribuição e consumo.

Tais reflexões contribuíram para o alargamento do campo de interesse da Arqueologia Industrial para além dos vestígios físicos. Como ressaltaram Bergeron and Dorel-Ferre:

le cadre matériel figé d'une production qui s'est arrêtée, si riche d'information qu'il puisse être, renvoie pour son interprétation à d'autres catégories du patrimoine industriel: les archives d'entreprises, notamment dans leurs aspects techniques (plans de construction et d'extension; inventaires de l'outillage; commandes de matériels nouveaux) et sociaux (gestion du personnel au travail et dans sa vie privée); les témoignages écrits et oraux des partenaires de l'entreprise sur leurs expériences de la direction et du travail, ou sur le style des relations sociales industrielles; les représentations de tous genres, enfin, des lieux, des gestes et des hommes. (BERGERON e DOREL-FERRE: 1996, 10)

Assim, hoje podemos dizer que o objeto de estudo da Arqueologia Industrial é de natureza diversa, material e imaterial. De modo geral, o patrimônio da indústria inclui todos os traços, em diferentes estados de conservação, de sua operação e relação com a paisagem e na sociedade. Este entendimento mais alargado se consolidou com a redação da Carta Nizhny Tagil (2003) do TICCIH, a qual determina que

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as

suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

Estes objetos de estudo podem ser apreendidos segundo duas perspectivas diferentes: por um lado, como *testemunhos* de modos passados de trabalhar e viver, e por outro lado, como um *recurso para aprender* sobre os modos passados de trabalhar e viver. Esses dois entendimentos levam, respectivamente, a: uma valorização do patrimônio industrial como um lugar de importância cultural⁵, que, portanto, deve ser preservado, e como objeto de estudo e de pesquisa. Esta dupla natureza impõe sobre o patrimônio industrial um propósito duplo:

L'une consiste à élaborer les règles et les contenus d'une archéologie matérielle et d'une ethno-histoire appelées à renouveler la conception classique de l'histoire industrielle au sens le plus large du terme, en attirant l'attention aussi bien sur les conditions de diffusion et d'adaptation des innovations techniques, que sur l'organisation du travail, sur les relations sociales, sur les modes de vie, sur l'articulation des espaces industriels à d'autres espaces, ou sur les représentations de l'industrie. L'autre tâche consiste, à travers une connaissance de plus en plus fine et plus exhaustive des vestiges du patrimoine industriel, à faciliter son intégration dans le patrimoine national, à encourager sa sauvegarde dans ses éléments les plus significatifs, sa réutilisation ou sa valorisation auprès du public des musées ou du tourisme de sites. (BERGERON e DOREL-FERRE: 1996, 5)

Entretanto, a *dualidade* não implica em uma *dicotomia*. A conservação ativa e o interesse acadêmico precisam ser enfatizados; o escopo do patrimônio industrial deve abranger os esforços tanto preservacionistas e quanto acadêmicos. Desse modo, propomos que o campo do saber do patrimônio industrial engloba de uma série de ações:

- a) O estudo dos vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, científico, estético, social ou espiritual para as gerações passadas, presentes ou futuras.

⁵ Segundo a definição da Carta de Burra.

- b) O uso de diversos métodos para investigar todos traços, material ou imaterial, criados *para* ou *por* processos industriais.
- c) O uso dos resultados dos trabalhos citados acima em a) e b) visando à identificação e ao registro dos vestígios industriais.
- d) O uso dos resultados dos trabalhos citados acima em a) e b) visando promover a salvaguarda ativa dos vestígios industriais de importância cultural.
- e) O uso dos resultados dos trabalhos citados acima em a) e b) visando analisar os significados do patrimônio industrial no contexto da história social, econômica e tecnológica.

3. A salvaguarda do patrimônio industrial no Brasil

Os debates sobre o patrimônio industrial no Brasil ainda são muito incipientes no mundo acadêmico, nas políticas governamentais e entre o público em geral. Em contraste com outros países latino-americanos, como México e Chile, onde uma tradição de inventariação e conservação foi estabelecida, no Brasil

Nowadays, both the colonial and the nineteenth century industrial heritage as well as the factories and warehouses of the first decades of the XX century are in jeopardy, despite Brazilian unique heritage, such as sugar cane producing units, mining complexes, coffee farms and factories. (MENEGUELLO: 2006, 1)

A destruição de importantes estruturas do patrimônio industrial e projetos arquitetônicos mal-sucedidos de reutilização são hoje uma realidade comum. Este cenário negativo tem inspirado alguns primeiros estudos e iniciativas de proteção, da mesma forma que ocorreu no Reino Unido na década de 1950⁶.

⁶ A análise sobre do despertar tardio do Brasil pelo patrimônio industrial deve levar em consideração que os fenômenos da industrialização e da desindustrialização em países em desenvolvimento são posteriores àqueles nos países desenvolvidos. A industrialização no Brasil tornou-se expressiva apenas depois de 1930 e o peso da desindustrialização foi sentido apenas nos anos 1980-90. O Brasil “only dealt with the need for preservation of the industrial heritage during the last few decades, mainly due to the disintegration of large industrial plants and destruction of housing, warehouses and other symbols of the Industrial period.” (Meneguello: 2006, 1)

O primeiro artigo acadêmico sobre o assunto publicado no Brasil – “Fábrica São Luiz de Itu: Um Estudo de Arqueologia industrial” – foi escrito pelo historiador americano Warren Dean em 1976 e o 1º seminário nacional sobre Patrimônio Industrial (I Encontro de Patrimônio Industrial) ocorreu em 2004.

Não surpreendentemente, São Paulo, o estado mais industrializado do país, destaca-se nas discussões acadêmicas e nos esforços preservacionistas relativos ao patrimônio industrial. Um projeto pioneiro é o “Mapa do Patrimônio Industrial” da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP) que propõe registrar as estruturas industriais na cidade de São Paulo.

Além disso, em 2004, uma representação brasileira do TICCIH foi organizada. Os principais objetivos do Comitê são apoiar iniciativas de salvaguarda do patrimônio industrial, oferecer às comunidades e aos órgãos governamentais pertinentes assistência especializada, reunir pesquisadores de diversas partes do país, e sensibilizar a opinião pública para o patrimônio industrial. (FONTES: 2006)

Junto com o interesse acadêmico, tem crescido também no Brasil o número de monumentos e sítios industriais protegidos, assim como a reutilização de edifícios industriais. Alguns dos exemplos mais conhecidos são a antiga estação de trem da Luz (1867), que agora abriga o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo; a “Estação das Docas”, um espaço de cultura, comércio e lazer na cidade de Belém no estado do Pará, que consistiu na adaptação de quatro armazéns obsoletos do antigo porto do século 19 (Imagem 1); a antiga fábrica de máquinas de escrever Olivetti, construída em 1956, transformada em um shopping center em Guarulhos (São Paulo); a fábrica de vinho de caju "Tito Silva e Cia" construída em 1892 em João Pessoa (Paraíba) atualmente usada como uma escola Municipal de formação para os jovens e adultos (Imagem 2). Entretanto, o respeito ao valor cultural desses bens do patrimônio industrial nas ações de reutilização é bastante discutível.

É interessante notar que alguns monumentos atualmente considerados parte do patrimônio industrial nacional não foram tombados visando a salvaguarda dessa

categoria de patrimônio.⁷ Em geral, dois fatores principais motivaram o processo de tombamento: por um lado, a arquitetura dos monumentos, especialmente a arquitetura colonial, que inicialmente despertava maior interesse do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ou, por outro lado, a sua relevância para a história nacional (não necessariamente para a industrialização, mas como marcos na processo de construção do Estado nacional).

No primeiro caso, podemos encontrar a casa do Engenho Matoim e o engenho de cana em Candeias (Bahia; tombados em 1943) e a cidade mineira de Ouro Preto (Minas Gerais; tombada em 1933). No segundo caso, encontramos as ruínas da Fábrica de Ferro Patriótica em Ouro Preto (Minas Gerais; tombadas em 1938) e Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó (São Paulo, tombada em 1964). Conforme Moreira salienta, estes edifícios ou sítios foram tombados mesmo antes do nascimento do debate sobre patrimônio industrial no Brasil. (MOREIRA: 2007, 276)

No entanto, o Brasil ainda não desenvolveu um conhecimento teórico, metodológico e prático maduro no campo do patrimônio industrial e a salvaguarda do patrimônio industrial ainda não se faz presente nas políticas públicas nacionais. Essa realidade pode ser verificada pelo número extremamente reduzido de fábricas (e sua infra-estrutura, como ferrovias, pontes, armazéns, etc.) protegidas pelos órgãos de conservação ou pela iniciativa privada e pela limitada pesquisa no campo. Consideramos que este cenário pode ser explicado sobretudo por três grandes limitações: primeiro, a ausência de políticas governamentais adaptadas às especificidades da salvaguarda do patrimônio industrial. Em países líderes no campo do patrimônio industrial, a natureza única do patrimônio industrial (a importância dos aspectos técnicos, a presença das máquinas, os laços com a comunidade da classe trabalhadora, etc.) levou ao estabelecimento de políticas e diretrizes específicas. Por exemplo, “The Council of Europe Recommendation on the Protection and Conservation of the Industrial, Technical and Civil Engineering Heritage in Europe” (1990), “The Council of Europe Recommendation on European Industrial Cities” (1987) e “English Heritage Industrial Buildings Selection Guide” (2007). Em segundo lugar, a ausência de

⁷ Mesmo a reutilização dos bens mencionados no parágrafo anterior não foi realizada sob a perspectiva da preservação do patrimônio industrial.

inventários ou sistematização de dados para apoiar pesquisas acadêmicas e engendrar medidas de proteção. Verifica-se que em países onde a salvaguarda do patrimônio industrial está mais avançada, em especial na Europa, o passo inicial para a implementação de medidas de proteção foi a realização de inventários extensivos dos vestígios industriais, entre eles: o “Industrial Monuments Survey” iniciado em 1963 na Inglaterra; o “Inventaire Général du Patrimoine Industriel” iniciado em 1986 na França; o “Scottish Industrial Archaeology Survey” lançado em 1977. Por fim, a ausência de uma consciência pública do valor do patrimônio industrial. Conforme argumenta o arqueólogo José Luiz de Moraes

Para a maioria da população, construção de valor histórico ainda é aquela de estilo arquitetônico antigo ou que teve algum dia um uso cultural ou social relevante. Como as fábricas e o mundo do trabalho jamais desfrutaram aqui dessa aura de nobreza, a preservação dos espaços fabris sempre foi vista como algo secundário, mesmo supérfluo. (apud MAWAKDIYE: 2006)



Imagem 1: “Estação das Docas” (Belém, Pará). (Fonte: Paratur)



Imagem 2: A fábrica de vinho de caju Tito Silva (João Pessoa, Paraíba) (Fonte: 4.bp.blogspot.com)

Desse modo, as ações de destruição e de desrespeito ao patrimônio industrial são frequentes no Brasil. Destacamos o caso da Antiga fábrica de balas e bolachas Duchon em São Paulo. Projetada por Oscar Niemeyer e Hélio Uchoa em 1950, era um símbolo maior da arquitetura moderna brasileira, sendo premiada na primeira Bienal de São Paulo em 1951. Ainda assim, a fábrica não escapou à destruição após o encerramento da produção na década de 1980: uma vez iniciado o debate a respeito de seu tombamento, foi rapidamente demolida devido ao valor imobiliário de seu terreno, que seria perdido caso o edifício fosse protegido. (Kühl: 2008, 201-20) (Imagens 3 e 4) Mais recentemente (junho 2011), temos o exemplo da implosão da antiga fábrica da cervejaria Brahma no Rio de Janeiro como parte do projeto de expansão do Sambódromo, que apagou um importante elemento da memória da industrialização e urbanização da cidade. Porém, estes são apenas dois exemplos entre tantos outros que poderiam ser citados.

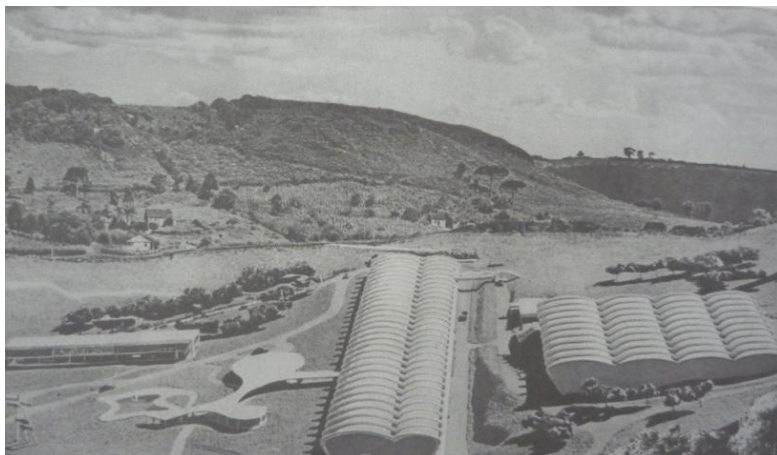


Imagem 3: modelo da antiga fábrica Duchen em São Paulo projetada por Oscar Niemeyer e Hélio Uchoa (Fonte: Kühn: 2008, 256)



Imagem 4: localização da antiga fábrica Duchen. (Fonte: Google Earth)

5. Reflexões finais

O patrimônio industrial ainda não ganhou força no espaço acadêmico e está longe de ser visto como uma categoria importante de patrimônio no Brasil. Para se estabelecer e superar os limites acima mencionados, é preciso combater a concepção “tradicional” de patrimônio baseada majoritariamente em atributos estéticos e em uma visão de história elitista.

O patrimônio industrial, constituído das memórias do desenvolvimento territorial, da transformação da paisagem e operária, carrega valores patrimoniais diversos, entre eles o valor de *testemunho histórico* do desenvolvimento das atividades humanas, sendo

ele a materialização dessas experiências e o valor *social* enquanto registro das experiências do trabalho industrial e dos trabalhadores.

É preciso estimular o reconhecimento desses valores e promover uma nova visão de patrimônio – construído pelas e pertencente às comunidades. Os sítios industriais estão frequentemente no coração do desenvolvimento territorial e comunitário e, assim, são fortes símbolos de identidade e memória para as comunidades nascidas em seu entorno, sejam elas locais com grandes indústrias, cidades empresas, bairros operários, etc. Portanto, a salvaguarda do patrimônio industrial está estreitamente ligada à “The resurgence of identitarian feelings, of wanting to belong to a history, culture, region or district is symptomatic of the human need to know oneself and for one’s identity to be acknowledged.” (UNESCO 2008, 20-21)

Promover o reconhecimento dos valores do patrimônio industrial como vestígios de múltiplas memórias e identidades é um passo importante para o seu reconhecimento e aceitação, pois, como defende Bergeron, a valorização do patrimônio não pode ser imposta sobre uma comunidade, “Elle a besoin d’être le fruit d’une réappropriation opérée par les citoyens eux-mêmes.” (BERGERON: 2006, 29)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFREY, Judith e PUTMAN, Tim. *The Industrial Heritage: Managing Resources and Uses*. Nova York: Routledge, 1992.

BERGERON, Louis. “Archéologie Industrielle, Patrimoine Industriel: entre mots et notions.” In Daumas, Jean-Claude. *La mémoire de l’industrie: de l’usine au patrimoine*. Besançon: Presses Univ. Franche-Comté, 2006. 23-30.

BERGERON, Louis ; DOREL-FERRE, Gracia. *Patrimoine Industriel: un nouveau territoire*. Paris: Liris, 1996.

BUCHANAN, R Angus. *Industrial Archaeology in Britain*, Harmondsworth, Penguin, 1972.

_____. “The Origins of Industrial Archaeology.” In Cossons, Neil, ed. *Perspectives on Industrial Archeology*. London: Science Museum, 2000. 18-38.

FALCONER, Keith, "The industrial heritage in Britain: the first fifty years," *La revue pour l'histoire du CNRS* (14): 2006, <http://histoire-cnrs.revues.org/1778>.

FONTES, Paulo. "Mapeando o patrimônio industrial em São Paulo," *Patrimônio Revista Eletrônica do IPHAN* 4 (March-April 2006). <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=166>.

HUDSON, Kenneth. *A Pocket Book for Industrial Archaeologists*. London: John Baker, 1976.

_____. "The Growing Pains of Industrial Archaeology," *Technology and Culture* (6), no. 4: 1965, 621-626.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MAWAKDIYE, Alberto. "Destroços urbanos: Falta de preservação ameaça história da indústria brasileira," *Problemas Brasileiros* 374 (March- April 2006). http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicao_Id=239&breadcrumb=1&Artigo_ID=3759&IDCategoria=4134&reftype=1.

MENEGUELLO, Cristina. "Industrial Heritage in Brazil and prospects for the Brazilian Committee for the Conservation of Industrial Heritage", Congresso TICCIH, Roma, Itália, 14-18 Setembro 2006.

MOREIRA, Danielle Couto. "Arquitetura ferroviária e industrial : o caso das cidades de São João Del-Rei e Juíz de Fora (1875-1930)." M.A. diss., Universidade de São Paulo, 2007.

PALMER, Marilyn e NEAVERSON, Peter. *Industrial Archeology: Principles And Practices*. Londres: Routledge, 1998.

UNESCO. *Historic districts for all: a social and human approach for sustainable revitalization*. Paris: UNESCO, 2008.